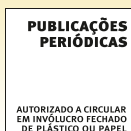


Fundador:
Monsenhor Joaquim Alves Brás
Directora:
Maria do Céu Campos Simões
Publicação Mensal
Assinatura 5,00€
Avulso: 0,50€

Administração:
Rua de Santo António à Estrela, 35
1399-043 Lisboa
Tel.: 213 942 420
Ano LXXVI
Número 932
Dezembro 2011



ECONOMY



AUTORIZAÇÃO Nº DE00132011SNC/GSCCS

BemFazer JORNAL

EDITORIAL

TEMPO DE ESPERANÇA

Se é verdade que o pensamento gera a palavra ou palavras, também estas geram pensamentos, como duas fontes, ou vasos comunicantes, num recíproco e contínuo processo de retroalimentação.

Assim, de tanto se falar de crise, começa-se a pensar cada vez mais em crise, e, na medida que se pensa em crise, mal se abre a boca, fala-se de crise, e assim sucessivamente num ciclo de relações intra e inter pessoais, quase interminável.

Claro que, perante uma situação de crise – esta ou outras – não nos devemos alhear ou fazer de conta que não vemos, que não é nada connosco, ou que não é tanto assim como se diz, a ponto de, como a avestruz, enterrarmos a cabeça na areia, deixando que o perigo nos apanhe em cheio.

Mas, por outro lado, também não nos devemos deixar obcecar por uma só ideia ou situação, a ponto de já não concebermos outras ideias ou não vermos outras realidades, que também coexistem.

Sempre atenta a este perigo, a Igreja, que é mãe e mestra em humanidade, não pode deixar, por um lado, de nos advertir e, por outro lado, de nos exortar. Por isso, vem a propósito da crise, servir-nos uma agradável e succulenta iguaria para o espírito, que poderíamos designar por Manjar da Esperança.

Estou a referir-me à recente mensagem dos nossos Bispos, intitulada “Esperança em tempo de crise”, documento saído da Conferência Episcopal Portuguesa, no passado dia 10 de Novembro.

Nessa mensagem, que, como

afirmam, «pretende ser um sinal de presença» dizem os nossos bispos que querem estar absolutamente com todos, «em especial com quem mais precisa de palavras e gestos de esperança».

É que a esperança – um bem imprescindível para se poder viver – é hoje mais necessária que nunca, porque são muitos os que já a perderam ou estão em vias de a perder.

Mas, será que, em face de tamanha crise, há razões para se ter esperança?

Não serão, as razões que nos apresentam, apenas de ordem espiritual, as quais não dando de comer ao faminto, abrigo ao desalojado, saúde ao enfermo, agasalho ao desprotegido, poderão não ter qualquer efeito neste mundo ou nestes tempos mais próximos?

Não, não é assim. A esperança que a Igreja Católica em Portugal nos apresenta, está fundada, sem dúvida, em Deus, princípio e fonte de todos os bens, mas entrelaçada também no homem, e destinada, desde logo, às realidades terrestres, que não apenas às realidades celestes.

Como se diz no citado texto: Esta «esperança nasce da solidariedade de um Deus que nunca nos abandona e da generosidade e coragem (do ser humano) para superar as dificuldades».

Por isso – continuam os senhores Bispos – oferecemos o que nos é mais próprio, como Igreja Católica em Portugal:

—A solidariedade activa— exercida diariamente pelas Instituições sociais católicas, em franca colaboração com tudo o que se faça na sociedade, em prol de um bem

Continua na pág. 2

HISTÓRIA DO PENSAMENTO ÉTICO

Continuação do mês anterior

No artigo anterior mostrámos os primeiros passos da história da ética, através da vida e obra de Sócrates. Ao apresentarmos a atitude humilde de Sócrates perante a Verdade, expressa na célebre frase “Só sei que nada sei”, revelámos também o sentido que atribuía à vida humana: o da procura da Verdade e da Virtude, que identificava com a mesma ideia, a ideia de Bem. Assim, o homem sábio será virtuoso, do mesmo modo que quem procura a Virtude encontrará a Verdade.

O pressuposto básico da Ética de Sócrates – que basta saber o que é o Bem, para que se seja bom – pode parecer ingénuo no mundo de hoje, onde podemos testemunhar que nem sempre a superioridade intelectual corresponde a uma superioridade ética e onde, por outro lado, a simplicidade intelectual dá muitas vezes provas de uma superioridade ética.

Antes de Sócrates, não teria havido uma reflexão organizada sobre a ética e, neste sentido, é inegável que seja o “Pai” da Ética. No entanto, é preciso ter em conta que, na Grécia Antiga, se considerava haver uma identidade perfeita entre o bem comum e o bem individual. No entanto, o momento do interesse da reflexão filosófica por estes temas corresponde a um momento de decadência moral e espiritual da sociedade grega. Dominada por valores materiais, pela sede de riqueza e de poder que fez com que a sociedade

tenha passado a orientar-se por um relativismo moral em vez de identificar a felicidade individual com o bem comum.

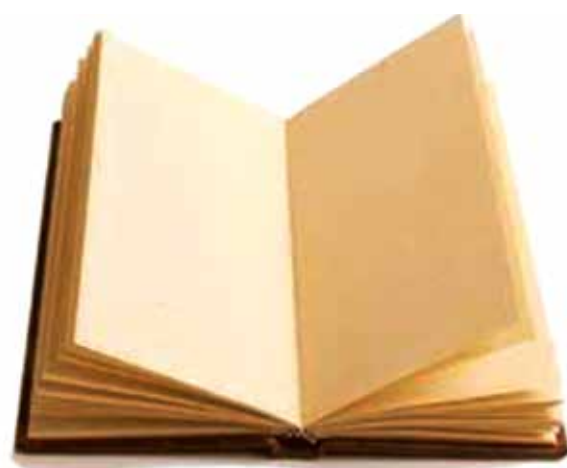
É nesse contexto de decadência e crise moral que os esforços intelectuais de Sócrates devem ser entendidos. A necessidade de se reflectir, sistematizar e defender conceitos que antes eram dados

como automáticos, em especial quanto à essência da ética, tem como objectivo mostrar a identidade entre o bem comum e a felicidade individual. A crítica de Sócrates à sociedade grega em geral, e ateniense em particular, “ataca” principalmente os supostos “sábios” e os políticos que dominam pela demagogia e pela retórica, procurando convencer e justificar a superação da riqueza intelectual pela material. Foi esta denúncia dos falsos argumentos, fundados em falsas verdades, que lhe valeu a condenação à morte. Mas Sócrates não se deixou intimidar e manteve-se fiel à Verdade e à Virtude até ao momento da sua morte:

“Se imaginais que, matando homens evitais que alguém

vos repreenda a má vida, estais enganados; essa não é uma forma de libertação, nem é inteiramente eficaz, nem honrosa; esta outra, sim, é mais honrosa e mais fácil: em vez de tapar a boca dos outros, preparar-se para ser o melhor possível.”

Platão, discípulo de Sócrates, foi o responsável por aquilo que chegou



do seu pensamento aos nossos dias, já que registou os diálogos entre o mestre e os seus vários interlocutores, nos mais variados momentos da sua vida. Compilou e continuou a sua doutrina, apresentando e desenvolvendo muitas das suas ideias. Dentre essas ideias, uma teve longa continuidade na posterior doutrina cristã: a da efemeridade da vida física face à eternidade e superioridade da alma imortal.

Continua no próximo mês

Patrícia Pontes



O Jornal Bem Fazer deseja, a todos os seus leitores,
Santo e Feliz Natal!

FESTA DA SOLIDARIEDADE - CAMPANHA 2011

Contra a crise e a adversidade, implementar a Solidariedade!

A Obra de Santa Zita, desde a sua origem que é sensível ao valor da solidariedade, expressando-o todos os dias através da sua acção de bem fazer. Nesta época natalícia torna-se sensível às necessidades dos que lhe batem à porta, pobres sem nada e que, por isso, de tudo precisam. Este ano, lançamos, mais uma vez, uma campanha de Solidariedade, que se destina:

- A famílias carenciadas, nesta época de especial dificuldade no nosso país;
- À reconstrução da Casa de Santa Zita de Coimbra.

Apelamos, assim a uma maior generosidade no sentido de colaborar connosco na realização de um dos objectivos da Obra, que passa pelo contributo na diminuição da Pobreza; ajude-nos, também, para este mesmo fim, na reconstrução desta Casa de bem-fazer, enviando-nos o seu donativo, consoante as suas possibilidades, fazendo-o da forma que lhe for mais acessível: numerário, cheque ou transferência bancária, para o NIB: 0036.0039.99100191772.17 - Montepio Geral

Tome conhecimento do programa, através de contacto telefónico ou presencial, na Casa de Santa Zita da sua zona.

Em Lisboa-Estrela, na R. Rua de Santo António à Estrela, 35 - 1399 - 043 Lisboa Tel: 213942420 em conjunto com a Penha de França, Tel: 218139011, terá início pelas 15,00 horas.

Participe! Convide os seus familiares e amigos!



NAS OUTRAS PÁGINAS

Culinária..... pág. 2

Seminário - FITI pág. 3

Projecto de Turma..... pág. 3

Comemoração do S. Martinho pág. 3

Envelhecimento Activo e a Intergeracionalidade pág. 4

Outras Notícias pág. 4

Solidariedade - ASAS..pág.4

Ciclos e Estilos de Vidapág.4

SOPA DE LENTILHAS

1 pacote de lentilhas (250 g)
2 tomates
1 cebola média
2 dentes de alho picados
1 talo de aipo
1,5 l de água
1 cubo de caldo de galinha
1 fatia de presunto ou bacon
1 colher (sobremesa) de óleo
sal q.b

Modo de Fazer
Coloque as lentilhas de molho pelo menos 12 horas.
Frite no óleo o presunto ou bacon mexendo sempre. Adicione a cebola, o aipo e o alho. Deixe refogar. Acrescente o tomate, as lentilhas escorridas e o cubo de caldo de galinha.
Deixe cozinhar cerca de 10 minutos e, então, acrescente a

água. Deixe cozinhar até que as lentilhas estejam macias, mas sem as deixar desfazer. Sirva com cubos de pão torrados.



PERNA DE PERÚ RECHEADA

1 perna de peru com cerca de 750g
125g de carne de porco limpa
100g de toucinho entremeado
100g de chouriço de carne
1 ovo
1 colher de salsa picada, sal e pimenta, noz moscada,
1 colher de margarina,
1 copo de vinho branco.

Desossar a perna sem esfacelar a carne deixando o mais inteira possível. (peça no seu talho)
Passe a carne de porco, o toucinho e o chouriço pela máquina de picar. Amasse o picado com

o ovo, tempere de sal, pimenta, noz moscada e junte a salsa picada. Coloque este recheio na perna de peru. Feche e coza a abertura com uma agulha grossa e linha forte e até em volta com um fio.
Coloque num tacho 4 colheres de azeite, 2 dentes de alho esmagados, 1 colher de chá de colorau, 2 colheres de margarina e sal q.b. e 1 folha de louro. Leve ao lume e deixe levantar fervura. Quando este preparado estiver quase frio barre a perna de peru e deixe neste tempero pelo menos duas horas. Leve a assar num recipiente de barro vidrado colocando um pouco de

vinho branco e quando precisar regue com o próprio molho do assado. Tempo de assar: cerca de 1 hora. Depende do tamanho.
Pode acompanhar com arroz de ervilhas, puré ou batata frita.



COSCORÕES

Ingredientes
Para a massa:
250 g de farinha com fermento
5 gemas,
50 g de açúcar
50 g de manteiga,
1 laranja (sumo e raspa)
3 c. (de sopa) de aguardente
água e óleo q.b.

Para a calda:
300 g de açúcar,
3 dl de água
1 casquinha de limão
1 pau de canela
Preparação
Forme um monte com a farinha e abra uma cavidade no meio; coloque aí as gemas, o açúcar e a manteiga.
Amasse bem e, aos poucos,

junte o sumo e a raspa da laranja e a aguardente.
Se for necessário, acrescente água até obter uma massa fácil de tender. Faça um X sobre a massa e deixe repousar durante 6 horas, tapada com um pano. Decorrido esse tempo, agarre em pequenas porções de massa e estique-as com o rolo. Divida em rectângulos e, em cada, um deles, faça dois traços ao meio.
Frite em óleo quente, virando-os para que friteem dos dois lados. Deixe escorrer sobre papel absorvente.

Preparação da calda:
Coloque todos os ingredientes num tacho e leve-os ao lume, deixando ferver em lume brando,

durante 3 minutos. Retire do calor e deixe arrefecer.
Para terminar, regue os coscorões com a calda.

Sugestão
Em vez da calda, passe os coscorões, ainda quentes, por uma mistura de 250g de açúcar com 1 colher (de sopa) de canela.



Manuela Caldeira

EDITORIAL

TEMPO DE ESPERANÇA

Continuação da pág. I

que tem de ser verdadeiramente comum e não deixe ninguém em condições desumanas.

– A nossa insistência nos valores e princípios fundamentais da doutrina social da Igreja: a dignidade da pessoa humana; o bem comum; a subsidiariedade; e a solidariedade, expressão da fraternidade, que nunca procura o bem particular sem ter em conta o bem de todos.

– A certeza, mais uma vez afirmada, de que compartilhamos “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” dos nossos concidadãos, querendo reproduzir agora os sentimentos daquele Cristo, que tendo nascido há dois mil anos, quer “renascer” também no Natal que se aproxima – e com a mesma luz para idênticas trevas.

Estas são, pois, no momento de crise que atravessamos, as razões da esperança apresentadas pela Igreja que, na grande preocupação de fidelidade ao seu Fundador, mais não faz do que traduzir e actualizar o Evangelho de Jesus Cristo que disse, numa das crises de carência de alimentos: “Dai-lhes vós de comer”.

- Como é que isto é possível em tempo de crise?

- É tão possível como o foi na multiplicação dos pães.

Naquele tempo, foi possível, porque Cristo, tendo vindo ao mundo, conviveu com os homens, apercebeu-se das suas dificuldades, teve compaixão deles,

amou-os, multiplicou para eles os pães, saciou de bens os famintos. Vai ser possível, hoje e sempre, porque Cristo continua a nascer, está sempre connosco, deixou-nos o seu testamento, a sua herança, o seu mandamento novo, a sua força, a sua promessa: «Depois de mim, vós podereis fazer as mesmas coisas que Eu fiz e fareis outras maiores, porque Eu vou para o Pai e tudo o que pedirdes, por Mim ao Pai eu o farei».

Haverá esperança, maior, mais fundamentada, mais enraizada, e mais pródiga do que esta?

Por isso, este Natal que se aproxima, não obstante as nuvens que pairam sobre o céu de Portugal, por causa dos cortes no subsídio do 13º mês, e outros, não pode deixar de ser um tempo de esperança. E sê-lo-á, certamente, se começarmos já a falar de esperança, e a formos semeando e cultivando à nossa volta: em palavras, em gestos, em atitudes, em acções de solidariedade, em iniciativas, as mais diversas, as mais abundantes, as mais profícuas.

A adversidade e a crise não trazem só males. Elas são também desafios, que põem à prova, entre outras capacidades, também a nossa esperança.

Por isso, neste Natal, e a começar já no Advento, a palavra “passe” que deve andar de boca em boca é: esperança, esperança, esperança. Porque Jesus nasceu, para ser a nossa esperança, aquela Esperança que nunca nos desilude, nunca nos abandona.

Anedotas

O caracol e a tartaruga

Um caracol ia a atravessar a estrada e foi atropelado por uma tartaruga. Quando acordou nas urgências do hospital perguntaram-lhe o que é que lhe tinha acontecido:
– Como é que quer que eu saiba?!?!? Foi tudo tão depressa!!!!

Aniversário

É o dia do aniversário do João. Faz 12 anos.
– Esta noite – disse-lhe a mãe – irás ter um enorme bolo com doze velas.
– Que bom, mamã. Mas eu preferia doze enormes bolos com uma só vela.

O animal mais antigo do mundo

Qual é o animal mais antigo do mundo?
É a zebra, que ainda é a preto e branco.

Choque

Vai um ouriço e choca com um cacto.
Diz ele:
– És tu, mãe?

Participe neste Seminário!



A Federação das Instituições de Terceira Idade -FITI-, no âmbito do Ano do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre as Gerações (2012), vai realizar um Seminário, gratuito, no próximo dia 12 de Dezembro de 2011, no auditório da Casa do Artista – APOIARTE – Estrada da Pontinha, nº 7 – Lisboa, das 9h00 - 18h.

Este seminário pretende relançar o debate sobre o envelhecimento activo reforçando e mobilizando os agentes responsáveis pelos recursos no sentido de encontrar soluções pró-activas e inovadoras para fazer face ao desafio demográfico num contexto de crise económica e social.

É composto por vários painéis, dos quais se destacam:
- “Papel das IPSS no envelhecimento activo e na solidariedade entre gerações”.
- “Perspectivas Integradas do Envelhecer”.

Alto Patrocínio
Sua Excelência O Presidente da República

Inscrição para FITI – Rua da Beneficência, 7 – 2º - 1050-034 – Lisboa - telefone: 217974588 / Fax: 217959873 ou e-mail: fiti.mail@gmail.com - www.fiti.weebly.com

Leia Assine e Divulgue o BemFazer

Junto envio cheque ou vale postal para pagar a assinatura do Jornal Bem Fazer pelo período de 1 ano

Nome

Morada Código Postal

Telefone E-mail

Escolha a modalidade que pretende e marque com um **X**
Assinante Benfeitor 7,00 € ☐ Assinante individual 5,00 € ☐

Assinante Benemérito 10,00 € ☐ Assinante Colaborador ☐

Enviar para: R. de Santo António à Estrela nº35-1399-043 Lisboa - Tel. 213 942 425

Enviaram Novas Assinaturas

Maria Aldina O. Gonçalves (Tomar)01

Jornal Bem Fazer - NIB
003600399910029481624

OBRIGADA!!!



Novo livro sobre “Autoconhecimento – Primeiro passo existencial”. Este livro apresenta a evolução humana como um edifício, constituído por subcave, cave, rés-do-chão, primeiro, segundo e terceiro andares (...)
Autor: Cristo Martins
Editora: Paulinas
Encontra-se à venda nas livrarias.

COMEMORAÇÃO DO S. MARTINHO - LISBOA

No passado dia 13 de Novembro, depois de uma madrugada marcada pelo temporal, S. Pedro intercedeu a favor do grupo que se reuniu para comemorar o S. Martinho, num passeio com Magusto organizado pela Obra de Santa Zita, presenteando-nos com um tempo bastante agradável e sem chuva, apesar de cinzento.



O facto de se tratar de um dia 13 dotou esta celebração de um significado ainda maior, remetendo-nos para o dia de Nossa Senhora de Fátima e de Monsenhor Joaquim Alves Brás, sendo também o último dia da semana dos Seminários. Para além de tudo isto, era Domingo, e todos os Domingos são dias do Senhor. A partida deu-se cerca das 8h00, de diversos locais de Lisboa, rumo ao Santuário de Cristo Rei, onde foi celebrada a Eucaristia pelo Padre Pedro, com início às 9h00. Findada a cerimónia Eucarística, houve tempo para realizar uma visita ao Monumento de Cristo Rei, cuja ideia de construção surgiu em 1934, aquando de uma visita ao Brasil do então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Continuámos então a nossa viagem, desta vez com destino

a Vila Nogueira de Azeitão, mais concretamente, às caves de José Maria da Fonseca. Aqui tivemos a oportunidade de participar numa visita guiada às adegas da herdade, que incluiu a passagem por caves onde se encontra vinho Periquita a envelhecer há muitos anos, o qual é, por isso, muito valioso. A visita terminou fazendo jus ao ditado po-

pular “pelo S. Martinho vai à adegas e prova o vinho!”, com a prova de um vinho moscatel da casa. O almoço deu-se na Quinta Vítor Guedes, em Vila Nogueira de Azeitão, onde foi servido caldo verde, o tradicional porco assado no espeto e, como não podia deixar de ser, para sobremesa, as regionais tortas de Azeitão. O convívio prolongou-se pela tarde, com música, maioritariamente, popular portuguesa que motivou o bailarico dos mais animados. Foi possível ainda usufruir de todo o espaço exterior da quinta, que oferecia uma magnífica vista para a Serra da Arrábida e nos fazia sentir em comunhão com a Natureza. O regresso deu-se por volta das 17h30 e a viagem pautou-se por momentos de reflexão e oração, onde ficou visível a importância que este acontecimento teve na vida de cada um dos presentes. Inês Pinto e João

EM VISEU

Foi no dia 13 de Novembro de 2011, Que Viseu, Aveiro e Guarda, realizaram um encontro convívio com toda a Família Blasiana o já tradicional magusto que começou

o próprio pão, tempos de miséria; é caso para pensar! Não estaremos nós e a grande velocidade a caminhar para uma situação igual ou pior? Vamos convencer-nos



que não, olhando com Fé o futuro e acreditando que Deus a todos vai dar apoio incondicional, tudo se há-de ultrapassar. Todos os participantes recordaram muitas coisas antigas que passaram pelas mãos de todos nós. Foi uma visita

que não, olhando com Fé o futuro e acreditando que Deus a todos vai dar apoio incondicional, tudo se há-de ultrapassar. Todos os participantes recordaram muitas coisas antigas que passaram pelas mãos de todos nós. Foi uma visita

PROJECTOS DE TURMAS - SOLIDARIEDADE



Como tudo começou...
No início do ano letivo 2010/2011, no âmbito do grande tema “Ser voluntário para um mundo solidário” proposto pela nossa Escola, por sua vez estabelecido para ser desenvolvido ao longo deste ano pela União Europeia, foi proposto às turmas E e F do curso de Técnico de Apoio à Infância a realização de um projecto conjunto das duas turmas que, sempre que possível, se reuniam para organizar e, realizar este projecto. Começamos então por colocar a questão do que iria ser feito neste projecto e após tantas ideias lançadas ao vento, conseguimos encontrar

uma que queríamos realizar e com a qual todos nós nos identificámos.

Porquê a MIMAR?
Um dos membros desta grande equipa teve conhecimento desta Instituição e deu-a a conhecer um pouco, mostrando alguns vídeos, ideias e imagens, e foi então que optámos por ajudar a Instituição MIMAR, já que era uma instituição que estava em construção e ainda não era muito conhecida, ao contrário de outras instituições já formadas. Foi neste sentido que quisemos contribuir para o crescimento da MIMAR.

Dificuldades sentidas
A principal dificuldade sentida foi conseguir reunir as duas turmas para que o projecto pudesse progredir. O projecto estava nas nossas mentes, o problema era pô-lo em prática, concretizando as pequenas acções que nos iam permitir contribuir para o crescimento da MIMAR.

Quem nos ajudou a concretizar este projecto?
Para conseguirmos realizar este projecto obtivemos ajuda de diversas pessoas, nomeadamente das professoras tutoras de ambas as turmas e das professoras de expressão plástica, mas também, e não menos importante, foi toda a ajuda

de todas as pessoas que anónima e discretamente nos ajudaram e contribuíram monetariamente para este projeto.

Quais os nossos objectivos e o que fizemos?
O nosso principal objectivo era angariar dinheiro para poder ofertar um carrinho de gémeos à MIMAR, assim como dar a conhecer um pouco esta instituição. Para tal ambas as turmas se empenharam sorteando cabazes de gomas e chocolates, vendendo pulseiras artesanais feitas pelas alunas e também colocando alguns mealheiros em estabelecimentos públicos e em paróquias, onde cada pessoa deixava a sua oferta.

Como findou o nosso projecto?
Começámos sem saber bem como concretizar este projecto até que encontrámos algumas soluções e as colocámos em prática. O projecto superou as nossas expectativas, sobretudo pela disponibilidade daqueles que connosco colaboraram e conseguimos alcançar o nosso objectivo fundamental. Foi um trabalho muito gratificante e esperamos que o fruto deste trabalho seja útil e que possa ser testemunho de um mundo voluntário e solidário.

Turmas E e F - 3º Ano - EP-ASAS

UM LUMINAR NA JERUSALÉM CELESTE

Bendito seja Deus que coloca na vida das pessoas e na vida das instituições, sacerdotes santos, quais luminares a apontar os caminhos do Reino, nas mais diversas circunstâncias tempos e lugares. Luminar para tantas Cooperadoras e associadas da OSZ foi o Pe. Mário de Almeida Gonçalves, que na década de cinquenta se dedicou total e exclusivamente, durante sete anos, à Obra de Santa Zita e à Obra Pia das Cooperadoras da Família. Em entrevista ao Jornal da Guarda em 2010, diz o Pe. Mário: “Em fins de Dezembro de 1951, o senhor Bispo perguntou-me se não me importava de ir para Lisboa auxiliar o senhor Pe. Brás. Assim, de Janeiro de 1952 a Junho de 1959 procurei exercer, com todo o meu entusiasmo jovem, com toda a entrega e dedicação, o múnus pastoral de Assistente Auxi-

liar, no plano nacional, de Monsenhor Alves Brás, tanto na Obra de Santa Zita, como no, então nascente, Instituto Secular das Cooperadoras da Família”. O reconhecimento desta sua entrega e dedicação no desempenho da missão que generosamente assumira é bem patente no modo como Monsenhor Brás a ele se refere em carta escrita à Zezinha Lucas em 8/7/1959: “Estou desolado. O senhor Pe. Mário sempre combinou com o senhor Bispo em sair da Obra. Reze muito por ele, para que Nosso Senhor abençoe o seu apostolado, e pela Obra que nasceu nas minhas e nas suas mãos. Fomos nós os dois que a embalámos.” A 26 Setembro de 2011, duas Cooperadoras da Família visitaram-no no hospital da Covilhã, onde veio a falecer a 21/10/2011, emocionado disse-lhes com toda a lucidez e presença de espírito que estava ali, nos

braços do Pai, aceitando contente a Sua vontade, no entanto gostaria de viver mais algum tempo. Referindo-se à Obra e ao Instituto disse com um sorriso rasgado: “estas duas grandes Obras estão bem dentro do meu coração, pena tenho de não ter feito mais por elas, mas continuo a rezar por vós e convosco”. O senhor Cônego Mário nasceu a 18 de Maio de 1925, foi ordenado Presbítero a 25 de Março de 1950, e depois de 61 anos de profunda vivência cristã e sacerdotal e zeloso exercício do ministério presbiteral, faleceu, com 86 anos de idade. É efectivamente mais um luminar agora na Jerusalém Celeste a apontar-nos os caminhos da busca da Vontade de Deus, a começar pela conversão de coração, numa entrega generosa ao serviço do Reino onde quer que Deus nos chamar. Bem-Haja Pe. Mário!...

Mª de Fátima Castanheira

DEZEMBRO

Dezembro traz consigo nostalgia, saudade de momentos vividos no decurso do ano, dos anos...
Entrelaçados por hiatos de dor, de dúvida, incerteza, solidão... laivos de esperança que afinal tecem o quotidiano universal;
Zumbem por todo o lado, aos nossos ouvidos, entram em nosso lar promessas de sonho, sorrisos sem fim concretizáveis no ano novo, que já vem;
Entrançados com trabalhos, canseiras, fadiga... para quem quiser manter-se fiel à vida recebida e deseje edificá-la em sólidos valores, fundamentos;
Muitos quedam-se nesta visão do passado, ouvidos no futuro vivendo (pré-ocupados) com o devir, que só a Deus pertence, deixando escapar a possibilidade de felicidade agora, hoje;
“Basta a cada dia o seu cuidado” (Mt 6, 33) Se o desempenho na administração dos bens confiado a cada um é feito com seriedade... confia;
Renova cada momento, revigorando o dom que és e tens... como se o instante fosse o último:
“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos. O dia transmite ao outro esta mensagem, e a noite a dá a conhecer à outra noite.” (Salmo 18)
Como eles desta imensa cadeia universal compete-nos transmitir esperança viva, mesmo e especialmente, em tempos difíceis aguardando a despedida de 2011, e enquanto aguardamos 2012.

Desejamos um Santo Natal e Feliz 2012!

Deolinda Araújo

Laurinda E. Santo

SOLIDARIEDADE NA ESCOLA ASAS - LISBOA-ESTRELA

A ONU proclamou o ano de 2012 como o “Ano Internacional das Cooperativas”, tendo ao mesmo tempo a União Europeia definido o ano 2012 como o “Ano do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações”. A partir destes pressupostos, a escola ASAS, definiu como tema do Projecto Pedagógico, para o ano lectivo 2011/2012 “Cooperar entre Gerações dá Vida aos Corações”. Dando continuidade a este tema, mais uma vez a escola ASAS elegeu uma turma que ficaria encarregue do projecto da Solidariedade e, por conseguinte, também da respectiva festa, que se irá realizar no dia 11 de Dezembro do presente ano, nas instalações da Obra de Santa Zita da Estrela. A turma B do 3º ano ficou, neste caso, encarregue do Projecto da Solidariedade. Assim sendo, nós como turma, decidimos aproveitar esta época natalícia que se aproxima para apelar à solidariedade de toda a comunidade escolar, solicitando a todos os alunos e professores que recolham alguns alimentos que serão colocados em cestos e depois oferecidos a algumas famílias mais carenciadas das quais a Obra de Santa Zita tem experiência de acompanhamento.

Neste âmbito, algumas alunas da turma irão novamente participar no Banco Alimentar, na ajuda contra a fome, visto que é também uma forma de solidariedade perante os que mais necessitam. Tivemos também conhecimento, por parte de duas colegas da nossa turma, de uma família que tem quatro filhos, tendo estes idades compreendidas entre as 3 semanas e os 10 anos (duas meninas com 3 semanas e dois anos e dois meninos com cinco e dez anos), que têm carências de roupa, brinquedos e alguns produtos de higiene. Apelámos também à comunidade escolar para que ajudasse esta família, a ultrapassar estas dificuldades. E assim, apelamos também aos leitores, do Bem Fazer para a ajuda a esta família, toda a ajuda será bem-vinda. Esta família vive num bairro social e, devido à sua situação de pobreza, necessita de roupa, brinquedos e produtos de higiene para as crianças. Nesta época natalícia, “*Não tenhamos medo! Abramos o nosso coração a Cristo*” que é Mestre de caridade e não nos esqueçamos que “*Não há ninguém tão pobre que não tenha nada para oferecer, nem ninguém tão rico que não tenha nada para receber*”.

A turma B do 3º ano



ENVELHECIMENTO ACTIVO E INTERGERACIONALIDADE - OSZ PORTO

Continuação do mês anterior

“Reflexão sobre situação dos Idosos na sociedade actual”

2. Na sociedade actual, quais são no seu entender, as maiores dificuldades que enfrentam os nossos Idosos?

R: “A maior dificuldade dos nossos idosos na situação actual, além das dificuldades económicas, a maior dificuldade é a solidão. Por isso devem ser apoiadas...”

R: “Nesta sociedade predominantemente materialista constata-se uma tendência cada vez maior de encarar o Idoso como um ser indesejável; alguém que condiciona a vida dos que estão à sua volta (seus familiares). Lamentavelmente alguns idosos são votados ao abandono pelos próprios filhos causando-lhes um enorme sofrimento. Penso que o maior drama da pessoa Idosa é a solidão, a falta de amor e apoio nas suas fragilidades.”

R: “Nas sociedades modernas, o Idoso é uma carga pesada nos custos e cuidados. No entanto, “desbravaram mato”, “retiraram pedras”, calejaram pés e mãos, abriram os caminhos que hoje as gerações mais novas percorrem sem custo. As maiores dificuldades prendem-se com a falta de capacidade económica e de generosidade humana.”

R: “A impaciência e desrespeito, principalmente das gerações mais novas. Penso também que a falta de infra-estruturas de muitos lugares públicos e privados dificultam o acesso dos idosos.”

R: “Com as características da sociedade actual, o Idoso tem

pouca companhia dos mais novos. Sofre com o isolamento, com as dificuldades a nível motor, falta de condições habitacionais, meios de

nais, falta de tempo para o Idoso e falta de compreensão por parte das gerações mais novas. No fundo o stress da nossa sociedade



transporte, falta de preparação dos próprios Idosos para enfrentarem as dificuldades inerentes a esta etapa da vida, ou seja para...” **Um Envelhecimento Activo”...**

R: “Os nossos Idosos enfrentam a nossa falta de tempo, a nossa falta de compreensão e carinho. A nossa pouca vontade de querer estar com eles, o ter que viver quase miseravelmente com uma reforma tão pequena. O serem atirados para os lares para os familiares estarem à vontade, esquecendo-se que eles por muitos anos fizeram tudo por nós.”

R: “Muitas vezes são abandonados pelos os filhos.”; “A falta de acompanhamento, apoios institucionais, cuidados médicos especializados, dinheiro para poderem pagar as suas despesas sem dificuldades.”

R: “O haver poucas casas e instituições que os acolham e que tratem deles.”; “Falta de espaços habitacio-

é causa do abandono do Idoso e de tempo para o escutar.”

R: “A falta de apoio financeiro para suas necessidades básicas e as limitações das instituições.”

R: “Falta de saúde, dificuldades motoras”; “As doenças”; “A discriminação.”

R: “A solidão, e a falta de carinho dos familiares.”; “O abandono, a falta de atenção, falta de compreensão e algumas dificuldades económicas.”

R: “A solidão, falta de preocupação com as suas necessidades básicas.”

Tal como se pode aperceber pelas respostas, as opiniões são muito convergentes. Dão-nos a visão clara da realidade actual face à problemática dos mais Idosos.

Continua no próximo mês
Palmira Fortes

CICLOS E ESTILOS DE VIDA | Duas correntes definidoras de Juventude

Continuação do mês anterior

Como refere Machado Pais, não é expectável poder falar de culturas juvenis sem falar de lazer mas talvez seja pertinente, neste caso da Dorninha, falar sobretudo de diversão um pouco soturna, pois que: “*As arcadas são divertidas para os seus frequentadores, nomeadamente quando estão no seu estado normal (bêbados) ou ganzados (sob o efeito da droga). Nelas curtem o tempo à maneira (como gostam), ainda que digam: ‘O que fazemos nas arcadas? Népia [nada]!’*” (Pais, 2003: 216). Embora estejamos a mais de um século de distância, não poderemos deixar de evocar a geração francesa dos Goth que tiveram nos *poetas malditos* como Verlaine, Rimbaud, Baudelaire formas análogas de provocação: “e se alguma vez nos degraus de um palácio (...) tu acordares com a embriaguez já atenuada, (...) pergunta que horas são: [ser-te-á respondido] são horas de te

embriagares! Para não seres como os escravos martirizados do Tempo, embriaga-te, embriaga-te sem cessar! Com vinho, com poesia, ou com a virtude, a teu gosto.” (Baudelaire, 1963: 105). No seu aspecto mais sério, a diversão assume contornos de “*afrontamento a determinados tipos de normas; paralelamente como um modo de afirmação juvenil (...) [a contrastar com] a desvitalização do riso das gerações mais velhas...*” (Pais, 2003: 218). As arcadas tornam-se património comum através dos grafitos, com os quais se apropriam simbolicamente do espaço. Através dos grafitos libertam-se fantasias reprimidas, desejos que se transformam em feitiços à semelhança, talvez, do que se diz expressarem as pinturas rupestres dos nossos antepassados... Os temas registados são a música, desporto, política, droga, assinaturas, nomes próprios, divagações,

ou confissões afectivo - amorosas, palavrões, máximas filosóficas, religião, e outra indecifráveis. Sobretudo, importante parece ser a expressão da presença do grupo, afirmação da sua identidade e o sentido de posse física e simbólica daquele espaço. Em síntese, o grupo de debutantes da Coutada do Conde, o grupo de Rio Cinza, e o da Dorninha, têm em comum o desejo de estar com os seus pares, de perceberem os outros como estranhos, de se divertirem alternadamente aos estudos ao trabalho/biscates e até ao desemprego periódico de se dissociarem das regras ainda que por breves e fortuitos momentos (na Coutada do Conde) ou mais radicalmente como na Dorninha, de continuarem as suas relações mais ou menos intensas com a família, e de permanecerem nos seus ambientes de origem. A teoria geracional poderá aplicar-se no caso do baile de debutantes

da Coutada do Conde, já que são todos da mesma idade, embora os outros jovens conviventes, mas não debutantes, tenham outras idades. Já no Rio Cinza e Dorninha, o grupo é bastante heterogéneo. Poder-se-ia aplicar a teoria classista para o caso do baile das debutantes embora com um carácter residual por os jovens durante o resto do ano conviverem pressupostamente com pares de outras classes sobretudo na escola. Talvez, práticas juvenis seja preferível então para falar de grupo como denominador comum, se não queremos cair numa posição radical. E então, poderemos também falar de culturas juvenis na medida em que, “*em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida, isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais.*” (Pais, 2003: 69). Uma das formas mais emblemá-

ticas desta forma de agregação é constituída pela pelas tribus urbanas em que a urbanidade é denominador comum de uma profusão de grupos sempre em constituição que, “*não obstante as suas diferenças, procura uma proximidade com outros que, de alguma forma, lhe são semelhantes (...)*” (Pais, 2004: 19). A juventude encontra-se pois entre *modos de vida*, em que o indivíduo se manifesta em público e *estilos de vida* com expressões mais individuais que o indivíduo, segundo Giddens, deve procurar, para interagir na Modernidade, (onde é obrigado a escolher em permanência). Estudar um grupo de jovens é tarefa difícil, na generalidade, para a sociologia que procura regularidades. Assim sendo, não será antes uma questão de juventudes que se organizam e se reorganizam segundo interesses múltiplos e plurais?

Continua no próximo mês
Maria Odete Martins